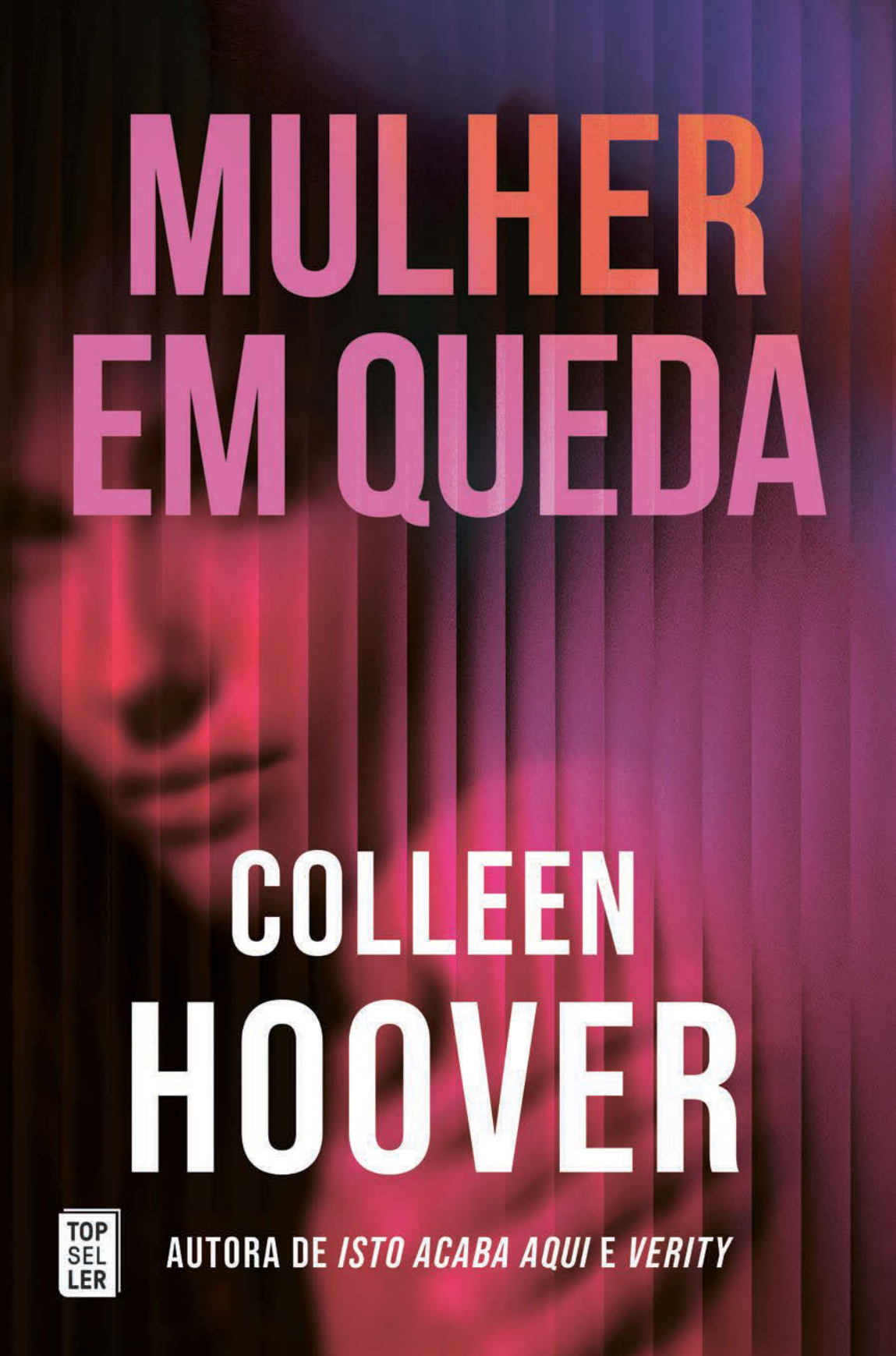




MULHER EM QUEDA

COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI* E *VERITY*

Para a Lauren Levine.
Sem ti, não poderia haver um «pronto, já passou».

Caros leitores,

Alguns de vós estarão lembrados do conto «Saint», incluído há uns anos na antologia *One More Step*. Os restantes leitores vão agora conhecer essa narrativa mais a fundo.

Essa antologia não voltou a ser publicada, mas houve quem nunca parasse de pedir mais desta história. Vocês conseguiram manter um conto vivo nos vossos corações, mesmo quando já não estava oficialmente disponível. Para mim, enquanto escritora, não há nada mais inspirador do que os leitores dizerem-me que querem saber mais das personagens que eu criei.

Queria dar a estas personagens o espaço merecido e construir verdadeiramente o mundo que tinha apenas abordado pela rama quando esta história se chamava «Saint».

Peguei no conto que certos leitores já leram e dediquei-me de alma e coração ao seu desenvolvimento. Demorei três anos a publicar um livro depois de *Isto Começa Aqui*. Não foi por ter estado esses três anos a rescrever «Saint», mas porque tenho andado a experimentar coisas novas, fora do universo da escrita. E, para ser sincera, precisava de algum espaço em relação a uma carreira que começava a parecer-me mais desgastante do que o normal.

Ora, isso mudou quando tornei a mergulhar nesta história. Trabalhar neste livro devolveu-me aquela mesma alegria que senti enquanto escrevia o conto original. Alterei o título e os nomes de

certas personagens e locais, acrescentei cenas, adicionei e alterei personagens, e, aqui e ali, até introduzi novas pequenas reviravoltas, que não caberiam na versão mais curta. Queria que os leitores da primeira narrativa vissem nela um livro totalmente diferente e novo, com o mesmo enredo e tom subjacentes ao conto. Senti um genuíno prazer em cada segundo que passei a dar-lhe vida, nesta nova forma completa.

Não obstante, peço aos leitores que não se esqueçam do seguinte: embora os autores se inspirem nas próprias vidas, e alguns dos temas possam, de certo modo, refletir a minha vida, esta não é de forma alguma uma réplica do meu percurso, nem da minha bússola moral, nem é reflexo do que sinto em relação aos meus pares ou a este ramo. Trata-se simplesmente de uma divertida viagem em que estas personagens me levaram, e nada mais. Peço encarecidamente aos leitores que não tentem estabelecer ligações entre a minha vida pessoal e esta história, porque elas não existem. Sou apenas uma autora a escrever sobre outra autora, mas não estou, de modo nenhum, a advogar ou a defender o comportamento ou as ideias da personagem.

Foi uma alegria dar uma roupagem nova ao conto «Saint». Espero que estejam preparados para desfrutar desta divertida, empolgante e sensual viagem que, por vezes, chega mesmo a ser sinistra!

Com muito amor,
Colleen Hoover

CAPÍTULO 1

— Olá, olá! Eu sou a Kellie. A vossa terapeuta de ficção com especialização em comportamentos complicados. Sejam bem-vindos de volta a «E agora o que é que se segue, leitores?», o *podcast* que dissecar carinhosamente o vosso drama literário favorito, e o critica ligeiramente, também.

— E eu sou o Micah, o vosso escanção que vem servir mexericos do mundo editorial e, por vezes, televisivo.

— *Escanção?* — A Kelly ri-se. — Tu nem sequer bebes vinho.

— Quem é que precisa de álcool, quando podemos inebriar-nos com o que temos hoje para vocês?

— Ah, eu adoro que seja tão picante — acrescenta a Kellie.

— É mais do que picante. É autêntica terra queimada. Hoje vamos falar da Petra Rose, uma queridinha dos clubes de leitura e dos *mood boards* do Tumblr, cuja reputação pegou fogo nos meios literários.

— E, porventura, se não tiverem dado por isso por estarem entreditos a percorrer o vosso mural ou, sei lá, *a respirar*, a Internet virou-se *completamente* contra essa autora outrora adorada. E não foi com ligeireza — diz a Kellie.

— Pois não. A autora bestseller internacional de *Uma Coisa Terrível*...

— Esse é capaz de ser o pior título de todos os tempos — interrompe a Kellie.

— Verdade — concorda o Micah. — Parece que ela estava a pedi-las. A *implorar* por uma reação destas. Mas, enfim, o livro lançou mil

debates subordinados ao tema #TeamAsh contra #TeamCaleb. Esteve no centro de uma enxurrada positiva de reações dos fãs. Até deixar de estar. Kellie, queres fazer as honras e recapitular tudo, de forma breve, antes de anunciarmos o nosso convidado surpresa?

— Bem, não prometo que seja breve, mas será um prazer. Vamos voltar atrás, para aqueles que não conhecem este universo. Para os padrões dos leitores, *Uma Coisa Terrível* não é um livro assim tão mau. É um romance profundamente emotivo e muito bem arquitetado, acerca de Elise e da sua jornada pelo amor, o trauma e a identidade, ao qual se junta uma pitada de diversão. Nesta história realista, temos um pouco de tudo, por isso é francamente chocante a fama que o livro alcançou, sem ter um único dragão ou feiticeiro. Mas aconteceu, porque não se tratava apenas de um romance reles e sensual. Era OURO no que toca ao desenvolvimento das personagens, à complexidade moral e ao potencial para inspirar *fan fictions*.

— Já percebemos que gostaste. Avança lá para a parte boa — pede o Micah.

— Já foi o meu livro preferido — anuncia a Kellie, na defensiva.

— Pode continuar a ser o teu livro preferido.

— Depois disto, já não — diz a Kellie. — Pronto, vamos ao triângulo amoroso. Elise, Ash e Caleb. Se os estimados ouvintes nunca tiverem visto, no mínimo, um *meme* do Ash e do Caleb, só podem ter andado numa árdua caminhada de cinco anos pela selva. Dedicaram-se *subreddits* inteiros a esse jogo da corda emocional. Mas e depois? Aconteceu a adaptação para o cinema.

O Micah resmunga.

— Chamar adaptação àquilo é esticar a corda.

— Mas a adaptação era promissora e tinha um orçamento elevado — diz a Kellie. — Era um filme de que se falava muitíssimo, mas tanto o estúdio como a autora se mostraram reservados, coisa estranhíssima. Nem sequer nos davam informações acerca do elenco, tirando duas das personagens principais. Não havia referência alguma a Caleb, que adoramos. Quando saiu o *trailer*, ele não se via em lado nenhum. Simplesmente... *foi um ar que lhe deu*. E isso bastou para começar praticamente uma guerra, quando o *trailer* saiu sem uma única cena com ele. No entanto, e apesar dos receios

iniciais que se espalhavam pelo TikTok, as pessoas não deixaram de ir ao cinema ver o filme.

— E os receios referidos neste *podcast* — diz o Micah. — Tu falavas nisso todos os dias.

— Pronto, está bem. Eu era da equipa do Caleb. Adiante. Eles CORTARAM-NO. Cortaram todo o triângulo amoroso. Reestruturaram a história de modo a versar apenas sobre o Ash e a sua ligação à Elise. E os fãs não ficaram contentes. Nem sequer os fãs da equipa do Ash, porque, que diabo haveriam eles de fazer, com tanto *merchandising* que a autora lhes tinha impingido? Depois daquela monstruosidade de filme, a equipa do Ash deixou de fazer sentido. Dava a entender que vestir uma t-shirt #TeamAsh significava que não se era da equipa da Elise, mas nós éramos todos da equipa da Elise. Nós fomos traídos, Micah. TRAÍDOS.

— Sim, uma traição ao nível de «chorar à chuva e cheia de nódoas de vinho tinto» — diz ele.

— Não falemos dessa noite. Eu estava transtornada.

Riem-se os dois.

— Pronto, pronto — diz a Kellie. — Todos sabemos como Hollywood funciona, e que a maioria dos autores não tem voto na matéria em relação às suas adaptações. Há uma minoria que até tem essa sorte, mas a maior parte não. E, ao princípio, a Petra optou por aquele caminho clássico de «a culpa não é minha». Publicou um *post* no Instagram, qualquer coisa do género: «Ouçam cá, amigos do peito, eu não tive controlo criativo nenhum. Fiquei tão chocada como toda a gente.»

— E a verdade é que estávamos prontos a acreditar nela — diz o Micah. — Durante cinco segundos. Até... (*entra uma música dramática*) à divulgação de uma troca de mensagens entre a Petra e um dos produtores. Não só ela tinha conhecimento daquela alteração, como até lhe *agradou*.

— Pois. O que é que ela disse nessa conversa?

— Tenho tudo aqui. Vou ler — disse o Micah. — «Tens razão, há aqui muita coisa irrealista em relação a ele. Não me importo que correm esse personagem. Sem o Caleb e o triângulo amoroso, o filme pode ficar mais sólido.»

— Aquela frase, o «filme pode ficar mais sólido sem o Caleb», levou as pessoas à loucura — diz a Kellie. — Mais sólido, como? MAIS SÓLIDO? Não se pode apagar metade de uma legião de fãs sem mais nem menos e depois chamar a isso «destralhar»!

— As repercussões foram imediatas — acrescenta o Micah. — O TikTok, o Reddit, o X, o antigo Twitter, mas vamos ser sinceros, ainda é o Twitter, explodiram com *hashtags* do género #CancelemaPetra e #UmaAdaptacaoTerrivel e #UmaAutoraTerrivel. E é por isso que afirmo que *Uma Coisa Terrível* é o pior título de livro de todo o sempre. Demasiado fácil de arrasar.

— Tão fácil — confirma a Kellie. — E agora há fãs a queimar literalmente os seus exemplares de *Uma Coisa Terrível*. Estamos no meio de uma rebelião literária consumada. Todos se sentem pessoalmente traídos, e eu também. Ela mentiu-nos. Ela escolheu o negócio em detrimento do carácter íntimo que deu significado ao livro e à legião de fãs que fez dela uma estrela. Apagou tudo aquilo que nos fez adorar este livro. E, depois, deitou as culpas para cima de umas poucas críticas que teve, ignorando as centenas de leitores que enaltecera o livro.

— Ufa. Essa doeu como um monólogo do Caleb no capítulo 28.

— Não me fales nesse monólogo, Micah. Olha que desato a chorar mesmo.

— Peço desculpa. Mas era um belo monólogo. Teria sido ótimo VÊ-LO NO GRANDE ECRÃ, MALTA DE HOLLYWOOD QUE ESTIVER A OUVIR ISTO!

— Não há malta de Hollywood nenhuma a ouvir-nos, Micah. Temos dois mil subscritores.

— Dois mil subscritores leais, que nunca trairíamos, como a Petra traiu os seus leitores.

— E olha só o que lhe aconteceu. Ela concentrou-se nos poucos leitores que não tinham importância e, agora, até os apoiantes mais leais lhe viram as costas. Ela traiu-nos a todos. Faz-me pensar se a Petra Rose estará sequer convicta das suas personagens, ou se terá vergonha da própria escrita.

— Bem, ela tem estado calada — diz o Micah. — Nem um único *post* nas redes sociais, em quase um ano, tirando aqueles do clube de fãs.

— Que ouvi dizer que tem cada vez menos gente. Eu cá não sei, saí desse clube de fãs há seis meses — diz a Kellie.

— Esperemos que o silêncio seja sinal do seguinte: a Petra está a estudar a maneira de escrever, realmente, uma história com *convicção*. O que é de loucos, tendo em conta que se trata da mesma autora cujas frases as pessoas tatuavam literalmente no corpo.

— Por falar nisso, vi alguns vídeos de pessoas a cobrirem essas citações — diz a Kellie.

— Que tristeza. Dantes, andávamos a citá-la e, agora, simplesmente... *odiamo-la*.

— *Odiar* é uma palavra forte — diz a Kellie.

— E este *podcast* é sincero.

— Verdade. Nós odiamo-la. Tanto assim que puxámos um milhão de cordelinhos para reagendarmos três marcações e trazermos o convidado especial de hoje. Não sei bem porque é que ele aceitou participar no nosso modesto *podcast*, mas não podíamos sentir-nos mais gratos. Depois disto, somos capazes até de subir aos dois mil e um subscritores.

— Sim, sonhemos em grande — diz o Micah. — Senhoras e senhores, convidamos-vos a juntarem-se a nós numa conversa com, nada mais, nada menos, do que Allister Jones, produtor de *Uma Coisa Terrível*.

— Ainda não lhe perdoámos propriamente por aquela adaptação, mas, pelo menos, ele tem coragem suficiente para falar sobre o assunto. Bem-vindo, Allister!

— Muito obrigado pelo convite — diz o Allister. — Foi uma introdução e peras.

Que se foda.

Aquele.

Tipo.

Desligo o *podcast* assim que oiço a voz dele. Tenho o coração acelerado e o estômago às voltas.

Preciso de encostar o carro à beira da estrada porque sinto que vou vomitar.

— Oh, meu Deus. — Tenho os dedos a tremer no volante. Aproximo a mão da porta, em busca do botão para baixar o vidro. Assim que desce o suficiente para conseguir pôr a cabeça de fora,

inspiro o ar fresco com aroma a pinho e fecho os olhos, repetindo inspirações lentas até sentir alívio no estômago.

Não posso crer. Mas eu achei mesmo que a terapia de exposição me ajudaria a sarar?

Os minutos em que ouvi aquele *podcast* foram os piores por que passei, desde a divulgação das mensagens que troquei com o Allister.

Abro os olhos e recosto a cabeça no encosto do banco. Faço algumas inspirações lentas, tentando não me focar no facto de que o Allister deve andar a fazer uma digressão de *podcasts* e entrevistas, enquanto eu me vejo obrigada a trancar-me numa espelunca para escrever um livro que ando a tentar escrever desde que começou todo este fiasco do filme, de modo a não perder a minha casa, agora que as vendas dos meus livros caíram a pique.

— Não fizeste nada de mal — digo a mim própria, quando regresso lentamente à estrada. — Não fizeste nada de mal. O que o mundo pensar de ti não é aquilo que tu és.

Ando a repetir este mantra desde que a Nora me fez prometer enunciá-lo cinco vezes por dia, no mínimo. Mas a sensação que tenho é a de que estou simplesmente a repetir uma mentira em voz alta, e isso não me deixa revigorada e pronta para enfrentar o meu dia.

Tenho sido incapaz de funcionar desde que tudo isto começou. Sinto-me uma fraude. Parece que tudo aquilo que construí desabou à minha volta, e que estou soterrada no entulho, onde ninguém se dá ao trabalho de procurar, porque nem sequer têm curiosidade de saber se estarei a morrer sufocada. Só querem saber quem iria ao meu funeral, depois de eu morrer *efetivamente* sufocada.

Pergunto-me quem iria ao meu funeral. Tenho amigos e familiares que haveriam de marcar presença, mas apercebo-me agora de que todas as «amizades» que fiz no mundo editorial não eram amizades, coisíssima nenhuma. Tirando a Nora, toda a gente praticamente me abandonou. Não é que possa censurar as pessoas. Veem muito bem que a minha reputação fez cair as minhas vendas, portanto, qualquer tipo de apoio público que me seja dirigido poderá incendiar o TikTok e fazer cair as vendas *delas*. Estamos a falar de uma carreira e, por muito que eu tenha tido a sempiterna esperança

de que as amizades conquistadas neste ramo continuassem fora desta carreira, começo a aperceber-me de que somos todos apenas colegas infelizes, a tentar sobreviver até à altura da reforma.

Já estou a conduzir há duas horas, com os traços brancos da estrada a esbaterem-se numa fita interminável por baixo dos pneus. Ainda não sei bem se estou a fugir em direção ao refúgio da cabana, ou se estou a esquivar-me ao caos de tudo o resto. É sempre uma mescla das duas coisas, suponho, um misto de aspiração e desespero. Mas nunca como agora tinha sentido esta necessidade urgente de escapar à minha vida real, libertar-me da sua pele e meter-me numa nova. O meu desejo mais profundo é mergulhar de cabeça na escrita deste livro, deixar-me imergir de tal forma que nada nem ninguém do mundo exterior consiga transpor os muros da minha criação ficcional.

A minha ansiedade está no auge, e escrever é realmente a única coisa capaz de a aliviar.

Só espero que dê resultado desta vez. Esta sensação de urgência, esta esperança desesperada de me redimir, só vai desaparecer se eu chegar àquela cabana e me dedicar a isto em pleno.

O bloqueio criativo apoderou-se de mim como uma armadilha sufocante precisamente quando o meu nome começou a surgir em artigos fora da esfera literária.

É uma ironia cruel, não é? O sonho de reconhecimento alargado de uma pessoa pode, com toda a facilidade, tornar-se o pesadelo de outra.

O meu telemóvel vibra no apoio de copos, o ecrã a piscar com mais uma notificação capaz de me induzir ansiedade. Desliguei as notificações das redes sociais quando o veneno começou. O mundo digital, em tempos uma plataforma para estabelecer ligações, transformou-se num antagonista implacável, e a única maneira de o silenciar é afastar-me dele.

Pelo menos, significa que, quando de facto recebo uma notificação, é na verdade de alguém que quer falar *comigo* e não *sobre mim*.

Fico aliviada ao ver o nome da Nora a piscar no ecrã do telemóvel. Toco-lhe com o dedo e atendo a chamada com o sistema Bluetooth do carro.

— Espero que estejas a ligar para dizer que tens *Adderall* a mais e que me vais enviar alguns comprimidos — sai-me de rajada.

— Antes de mais — começa a Nora —, tu não sofres de PHDA, *eu* é que sofro. E depois, tu não precisas de medicamentos. Precisas de terapia intensa e uma boa queca. — Ela faz uma pausa. — De alguém que não eu. Era uma sugestão, não uma proposta.

— Ora bolas — suspiro. — Bem, ligaste em boa hora.

— Porquê? Mais um ataque de pânico?

— Estava a ouvir o «E agora o que é que se segue, leitores?».

— Petra! Porra.

— Eu *sei* — resmungo.

— Eu estava a ligar por causa disso. Queria que evitasses o episódio de hoje.

— Mas tu disseste que a terapia de exposição iria fazer efeito. Eu estava a expor-me.

— Referia-me ao regresso à exposição nas redes sociais. À publicação de um *post*. Não estava a falar de ouvires toda a merda que andam a dizer de ti. *Valha-me Deus*. Sou tua amiga, não sou Satanás.

— Então, tu ouviste?

— Tive de desligar quando apareceu o aldrabão do Allister Cara de Cu.

— Pois, eu também. Encostei o carro por momentos quando ouvi anunciar o convidado. Tive a sensação de que ia vomitar.

— Lamento. Estás quase a chegar à casa de férias?

— Estou a dez minutos.

— Tens a certeza de que é boa ideia? — O ruído estático das colunas do carro deforma a voz da Nora.

— O que é que é boa ideia? Eu, sozinha no mato, a tentar recuperar, depois de ser digitalmente esfolada por toda a Internet? — pergunto, mas sempre de olho na estrada. Os pinheiros passam em imagens desfocadas, tornando-se maiores e mais condensados, até começar a parecer que ameaçam engolir-me o carro.

— Não é *toda* a Internet — contrapõe a Nora. — Apenas os que barafustam mais e os que têm interesses financeiros.

— Ah, claro. As pessoas que fizeram ameaças de morte não passaram a triagem e foram simplesmente consideradas sedentas de dinheiro. Já me tinha esquecido. — Sorrio, apesar de tudo.

— Essas pessoas não te conhecem. Ameaçaram matar-te o cão com água a ferver, Petra. Tu nem sequer *tens* cão.

— Exato. O mais provável é comprarem-me um cachorrinho e mandarem entregar-mo com um laço fofinho, para eu me apaixonar pelo bicho, e aí, sim, matarem-no com água a ferver.

A rede falha por um segundo e a voz da Nora soa mecânica, até deixar de se ouvir por completo.

— Caraças! — Pego no telemóvel e ponho-o sobre o tabliê, como se isso bastasse para melhorar o sinal de rede.

— ... sério — diz ela, quando a voz regressa a meio de uma frase. — Tu ainda tens uma carreira. Mais ou menos. Podias escrever um pedido de desculpa servil na tua aplicação de notas e publicá-lo no Instagram, com aquelas mãozinhas fofinhas em forma de coração e um ou dois *emojis* choringas.

— Não vou escrever um pedido de desculpa a pessoas que, mesmo não conhecendo toda a história, decidem tomar partido.

Ela suspira.

— Bem, se quiseres salvar a carreira, tens de voltar à Internet. Talvez possas servir-te de um *podcast* para dizeres o que pensas.

— Eu consigo sair deste buraco sem descer ao nível do Allister. É por isso que vou para a cabana escrever. Vou-me vingar com a caneta.

Há uma longa pausa.

— Mas... tu escreves no portátil. Não usas caneta.

— *Caneta* pareceu-me uma palavra mais ameaçadora.

— Tens razão. Vinga-te com a caneta. Escreve a história toda e publica-a enquanto obra de ficção. Vai ser um bom escape. Liga-me mais logo, quando estiveres instalada. Tenho uma ideia.

— Não. Eu detesto as tuas ideias — contraponho.

— Mas esta é das boas, garanto.

— Está bem.

— Não oiças mais nenhum *podcast*. Vai ouvir os Brudi Brothers, ou qualquer coisa do género. Adoro-te.

— Eu também te adoro.

Quando termino a chamada, o *podcast* é automaticamente retomado.

— Ela não era a pessoa mais fácil com quem trabalhar — diz o Allister.

As palavras varrem-me como água a ferver sobre gelo. Torno a desligar o *podcast* e concentro-me na curva da estrada à minha frente.

— Nem tu, Allister Cara de Cu.

Eu não odeio muita gente, mas o Allister está no cimo da lista. E no fundo. E no meio.

Na verdade, ele é a minha lista inteira.

Abrando o carro quando o GPS diz que me aproximo da minha saída. Algures ao fundo desta estrada está uma cabana à minha espera, juntamente com um ecrã em branco, uma enorme quantidade de silêncio e, com sorte, tudo aquilo que ainda consiga recuperar da minha criatividade.

CAPÍTULO 2

Não sei se será possível recuperar alguma parte da minha criatividade se tiver vizinhos. Evito reservar alojamentos com vizinhos, mas há uma casa na mesma estrada da cabana em que vou ficar.

Antes de reservar, vi imagens de satélite do local, só para garantir que não ficava junto a mais nenhuma cabana. Não quero ter de ouvir os gritos de crianças barulhentas alheias, a todas as horas do dia e da noite. A casa em que vou ficar parecia isolada nesta estrada, por isso, não reparei na outra cabana. Devia estar tapada pelas árvores quando o Google captou a imagem.

A cabana que reservei fica escondida ao fundo da estrada de quilómetro e meio em que me encontro, por isso, sinto algum alívio quando percebo que as cabanas não ficam propriamente ao lado uma da outra. Há uns quatrocentos metros, no mínimo, a separar os dois caminhos de acesso.

Prefiro não ter trânsito nem vizinhos. Distraio-me facilmente. Quanto menos pessoas vir, e quanto menos conversas me obrigarem a ter, mais concentrada consigo estar. Uma vez, reservei um retiro de escrita e, ainda antes de chegar à porta, já estava a conhecer os vizinhos. Era um grupo feminino, num fim de semana de mulheres, e eu acabei por passar todas as noites a embebedar-me com elas e não trabalhei rigorosamente nada.

Nem sempre as distrações são más, mas, desta vez, qualquer distração me pareceria negativa, tendo em conta que muito depende de conseguir cumprir este prazo.

E é por isso que resmungo, alto e bom som, quando chego ao início do caminho de acesso e vejo um ser humano. Um ser humano em carne e osso, no alpendre da propriedade onde estou a parar o carro.

Com todos os avanços da tecnologia, não há razão alguma para que o responsável desta casa arrendada me receba presencialmente, mas ali está ele. Nem sequer o conheço, mas já o acho a coisa mais irritante do mundo.

Retiro o que disse.

A forma dos cães da raça *corgi* também é muito irritante. Há qualquer coisa num *corgi* que o faz parecer... *inacabado*. É como se Deus tivesse começado a criar a raça do cão e, depois, a abandonasse a meio do conceito, deixando-a neste estranho limbo. O corpo é demasiado comprido para as patas curtas e rechonchudas, a cabeça é demasiado grande para o resto do corpo, dando a ideia de que os cães podem cair de focinho no chão a cada passo que dão. Sempre que vejo algum, não consigo deixar de pensar que se trata de um erro cósmico que anda por aí em quatro patas.

Se houvesse um *corgi* aos pés deste fulano, eu poria a hipótese de ter morrido e ido parar ao Inferno.

A cara do homem abre-se num sorriso, e quase estou a contar que se divida em duas, como se não conseguisse conter todos os dentes. O homem dá passos saltitantes, o que me faz lembrar alguém demasiado desejoso de agradar, como quem tenta convencer-me a aproveitar esta reserva que já paguei há meses.

Porque é que estou de tão mau humor?

Ah, pois é. O podcast.

Tiro o ar carrancudo enquanto travo o carro e pego no telemóvel. Agarro também no meu porta-chaves — aquele onde prenda a latinha de gás pimenta. Nunca me servi dela, mas também é raro encontrar-me nestas situações, sozinha com desconhecidos.

O meu polegar roça na latinha quando a enfio no bolso, com o peso do metal a reconfortar-me. Estou no meio de nenhures, rodeada por um denso arvoredo que parece engolir a estrada atrás de mim, e embora eu tenha bastante certeza de que conseguiria dominar este tipo caso as coisas descarrilassem, não estou segura de que me conseguissem ouvir a gritar por socorro.

Ai, um urso fazia aqui tanta falta!

Pelo perfil de proprietário do tipo, sei que se chama Louie Longsetter. Mas que raio de nome! Mais parece um personagem de uma *sitcom*, e não o tipo de pessoa que se conta conhecer no mundo real, com pais a sério que disseram o nome em voz alta e pensaram: «Sim! É isso mesmo!»

Nem sei se alguém chamado Louie Longsetter poderia ser perigoso, sequer.

Mas a postura dele, como se estivesse à minha espera mais tempo do que deveria, faz-me pôr em causa essa suposição.

Tento imaginar um assassino chamado Louie Longsetter. Quase me rio do absurdo que é, mas, na situação de uma mulher prestes a embarcar em semanas de isolamento, a ideia de que ele pode constituir uma ameaça cola-se-me ao pensamento, de forma indesejada e incomodativa, como uma erva daninha de que não consigo livrar-me.

— Mesmo a tempo! — grita ele, com uma voz demasiado alegre, demasiado animada, como se eu fosse uma convidada de honra e não apenas uma mera hóspede. Desce os degraus a correr, com uma estranha ligeireza, e encaminha-se para mim de uma maneira ao mesmo tempo ávida e perturbadora.

Detesto o facto de as pessoas alegres me desagradarem de imediato. Estou ciente de que se trata de um defeito meu, mas tenho demasiados defeitos para me ralar a minorar esse.

— As maravilhas do GPS — resmungo, abrindo a bagageira com um pouco de urgência a mais. «Louie Longsetter» pode não parecer nome de criminoso, mas tenho quase a certeza de que existiu um assassino em série chamado Pichushkin. Tudo é possível.

O Louie já está ao meu lado, de braços esticados para o interior da bagageira, envolvendo com as manípulas as pegadas das minhas malas de viagem. Ergue as duas malas de uma vez e deixa-as cair de lado, na gravilha, com um baque surdo.

Estremeço, resisto à vontade de ralar. Trata-se de uma mala *Rimowa* — nova, lustrosa, cara e, até agora, sem arranhões nem raspadelas. Foi-me oferecida no meu aniversário, há uns meses, e é a primeira vez que tenho oportunidade de a usar. Orgulho-me do estado impecável em que a tenho mantido.

Até agora.

Dobro-me rapidamente e endireito uma das malas enquanto tenho uma onda de irritação.

Sem se dar conta disso, o Louie espelha os meus movimentos e endireita a outra mala, embora eu repare que a arrasta atrás de si a caminho do alpendre. As rodinhas raspam na gravilha, como unhas num quadro de ardósia, e até estremeço interiormente, levantando a minha mala do chão para a carregar.

— *É a tal* Petra Rose, não é? A senhora escritora? — pergunta ele, espreitando para mim por cima do ombro.

A senhora escritora?

Confirmo com um aceno de cabeça enquanto o sigo de perto, tentando exhibir um sorriso educado.

— Sim, senhor. Estou aqui em busca de inspiração. No silêncio — acrescento.

Ainda preciso de descarregar as mercearias que tenho no banco de trás, mas prefiro que ele não saiba disso. Só quero que se vá embora. Precisava que se tivesse ido embora antes de eu ter chegado. É para isso que as casas de férias têm códigos nas portas e instruções para o *check-in* automático.

Subimos os degraus do alpendre, comigo a segurar com cuidado na mala, para as rodinhas não raspem no chão, enquanto o Louie arrasta a outra atrás de si, como se nem ligasse a isso.

— Nunca li nenhum livro seu — comenta ele, num tom quase a pedir desculpa —, mas a minha mulher acha que já leu um. — Estaca no alpendre e tira do bolso um molho de chaves. — Mas vimos o seu filme. Quando eu contei à minha mulher que a senhora vinha para cá, ela obrigou-me a prometer que lhe perguntava sobre um personagem qualquer que lá faltava, sabe? Não sei bem ao que ela se referia. Sabe, quando vinha a caminho para cá, lembrei-me de uma coisa que daria um ótimo filme — prossegue ele, entregando-me as chaves.

Oh, Deus. Isso é que não.

— A minha vida — diz ele, empertigando uma sobrancelha como se eu devesse ficar impressionada. — Tenho vivido uma vida e peras. Podia dar-lhe milhões a ganhar.

Tenho a certeza absoluta de que não.

— Se precisar de ideias... — começa ele de novo, claramente sem perceber a dica da minha expressão.

Interrompo-o e abro um sorriso forçado.

— Eu só sei escrever ficção, infelizmente.

Já perdi a conta a quantas vezes as pessoas me ofereceram as suas histórias de vida quando descobriram que eu era escritora. Está toda a gente convencida de que é a base do próximo grande romance americano.

Talvez até seja. Eu seguramente nunca fui.

— Mas, se ouvisse a minha história... — diz ele.

— Ouça, se for assim tão boa, devia ser você a escrever a *sua própria* história — digo, não querendo parecer mal-educada. — Ninguém a conhece tão bem, e você não devia andar a distribuir as suas ideias de borla — continuo, numa voz educada, mas, por dentro, estou a incentivá-lo a sair.

— Dislético — diz ele, enquanto abana a cabeça e o sorriso se esbate ligeiramente. — Muito dislético. Não sei se reparou nisso ao ler os meus e-mails. Tenho de ser sincero, quando reconheci o seu nome e vi que era a escritora, fiquei um pouco nervoso ao responder-lhe ao e-mail. Achei que poderia rir-se da minha fraca gramática.

— Nunca faria uma coisa dessas. O meu pai era dislético, e era o homem mais inteligente que já conheci.

O Louie sorri ao ouvir isto.

— É uma coisa complicada de contornar. Lamento que a sua mãe tenha tido de lidar com isso.

Não replico logo, porque acabei de lhe dizer que era o meu pai, não a minha mãe. Será que ele tem problemas de memória? Dificuldades de audição?

Ele pisca o olho.

— Apanhada! Um pouco de humor dislético.

Sorrio.

— Pois foi. Essa apanhou-me desprevenida.

— A minha mulher diz que eu teria dado um bom ator. Ela é atriz. A minha mulher. Mais ou menos. Bem, é difícil de explicar, mas ela representa. Em documentários. O que creio que continua

a fazer dela uma atriz, mas... — Ele continua a falar da carreira da mulher, ou da falta dela, mas eu estou demasiado distraída para prestar atenção, porque... *cum caraças!*

O exterior desta casa não faz justiça ao lado de dentro.

O interior é muito mais moderno do que eu estava à espera — linhas simples, bons acabamentos, como se tivesse saído diretamente das páginas de uma revista de decoração. O exterior rústico era apenas uma fachada, mas, por dentro, tudo brilha.

Eu contava com soalho de madeira a ranger, talvez o cheiro a pinho antigo ou o reconfortante aroma almiscarado de uma lareira apagada. Antes pelo contrário, deparo-me com superfícies lustrosas, iluminação forte e aquele tipo de decoração minimalista e simples que é habitual num apartamento urbano. O chão é de betão polido, reluzente devido à iluminação encastrada que confere a tudo um brilho de consultório médico. As paredes estão pintadas de um branco estéril e nítido, e há grandes pinturas abstratas, penduradas em caixilhos com ar caríssimo, demasiado seletos e intencionais para uma casa como esta.

As cabanas típicas têm um encanto especial. Aquelas onde nos aconchegamos, tendo apenas por companhia o lume a crepitar e o ocasional movimento da vida selvagem lá fora. Eu estava à espera da aspereza das paredes de madeira em bruto e da sensação de me esconder nos braços da natureza, afastada do mundo.

Mas isto?

Parece que entrei no esconderijo de uma *startup* de tecnologia. Não no retiro de uma escritora.

Solto um suspiro e puxo a minha mala até à sala de estar, com o som das rodinhas a fazer um sonoro eco no espaço sem divisórias. Ouço o Louie a vir atrás de mim e quase consigo ouvir-lhe o orgulho, enquanto me observa a contemplar o espaço.

— Não se parece nada com o que está nas fotos online — comento, virando-me para ele.

— Terminámos agora a remodelação — diz ele, com orgulho. — É a primeira hóspede desde que a concluímos, na verdade. Estamos muito orgulhosos. Foi a minha mulher que fez a maior parte da decoração. Tem olho para a coisa.

Isso já faz mais sentido. Explica o contraste entre o Louie e esta casa.

A mobília da sala de estar não se presta a interpretações. Uma poltrona baixa em pele preta, que mais parece uma peça de exposição do que uma coisa para nos afundarmos com um livro. Uma mesa de centro de vidro, que reflete a luz em demasiados cantos, com arestas tão afiadas que ainda abrem um lanho no joelho, se não tivermos cuidado.

Até mesmo a lareira, de onde achei que poderia vir um calor mais rústico, não passa de um aparelho a gás elegante, por detrás de uma fachada lisa e moderna. O «lume» vai tremeluzindo com uma precisão mecânica, fazendo-me ansiar pelo som e pela imagem da lenha verdadeira a arder.

Sou mesmo uma fedelha ingrata. *Quem é que havia de se sentir triste por ficar numa casa tão espetacular assim?*

Mas é que... não tem *encanto*. Não tem história. É eficiente, claro, mas não sinto nela um sítio para a inspiração. Sinto nela um sítio para executar tarefas, para trabalhar, mas não para *criar*. Eu queria estar isolada, sim, mas queria sentir-me ligada ao caráter inóspito deste lugar, à beleza bravia da floresta. Ao invés, tenho a sensação de que fui largada num Airbnb sofisticado, demasiado impecável para o tipo de atribulado processo criativo que eu tinha imaginado.

O meu bloqueio criativo tem sido tão mau, que me leva a pôr as culpas em tudo. Até ponho prematuramente as culpas em cima desta belíssima casa.

Torno a suspirar. Pode não ser o retiro de que eu estava à espera, mas, tendo em conta o meu humor azedo, não sei se acolheria alguma coisa com simpatia, neste momento.

— É uma casa muito bonita — digo, dando ao Louie uma réstia da reação que provavelmente espera, pelo menos.

— Vou dizer à minha mulher que adorou — diz ele. — Nós moramos mesmo ao fundo da estrada, sabe? É capaz de ter reparado na casa. É a primeira e única em toda a estrada — acrescenta, fixando o olhar em mim durante um bocadinho de tempo a mais, como quem espera que eu peça mais pormenores.

Anuo, na esperança de que isso baste para o impedir de contar mais coisas da vida deles.

— Sei que está aqui para trabalhar — continua o Louie —, mas, se não estiver muito ocupada, pode vir jantar connosco um dia desta semana. A minha mulher havia de adorar conhecê-la. Somos só os dois, e adoramos ter companhia, quando podemos. — O sorriso dele abre-se e surge-lhe novamente nos olhos aquele brilho que o faz parecer demasiado ávido e atrevido.

Ou talvez *desesperado* seja a palavra que eu procuro.

Ou *simplesmente* solitário?

O convite para jantar provoca-me um trejeito na boca, mas tento reprimi-lo com um sorriso. Não consigo imaginar nada pior do que passar uma refeição inteira a fazer conversa de circunstância com o Louie Longsetter e a mulher, que *acha* que já leu um livro meu e que é atriz, só que não é bem atriz, mas é uma espécie de atriz. Já estou cansada com a explicação e ainda nem a conheço.

— Ah, que simpático da sua parte — digo, sentindo o meu sorriso cada vez mais forçado a cada instante que passa. — Mas tenho muito trabalho. Eu envio-lhe uma mensagem se conseguir arranjar tempo, pode ser?

Vejo-lhe um laivo de desilusão no olhar, mas ele recupera logo e anui.

— Claro que sim, claro que sim. Afinal, está aqui é para escrever. Só me ocorreu que, se precisasse de fazer um intervalo, ou assim... — A voz dele começa a esmorecer e ele faz um breve aceno com a mão. — Bem, estou mesmo ao fundo da estrada, se precisar de mim.

Torno a anuir, desta vez com mais intensidade.

— Obrigada. Terei isso em conta.

Com mais um aceno confrangedor, ele vira-se e encaminha-se para a porta em direção à estrada. Fecho a porta, encosto-me a ela por instantes e torno a fitar este desconcertante espaço moderno.

O quintal que dá para o lago não está virado a poente.

Procuro sempre uma casa virada a poente, para esta fase do processo de escrita. Ver o pôr do sol é algo que acende em mim um autêntico fogo criativo, como mais nada consegue. O modo como

o céu se incendeia, em matizes alaranjados, rosados e violeta leva-me a escrever com uma urgência que me parece igualmente empolgante e necessária.

Pelo menos, é assim que a coisa *deveria* funcionar.

Mas, desta vez, fiz a reserva muito tarde e tive de me contentar com um quintal virado a nascente. Agora, sinto essa diferença em cada fibra do meu inseguro e pouco talentoso ser. As auroras parecem-me agrestes e exigentes, quase como se esperassem demasiado de mim e cedo demais. E é assim que vou dar início a cada dia, com estas enormes janelas viradas a nascente.

Talvez pudesse escrever no quarto, a divisão que vou espreitar em seguida. Há uma janela virada a poente atrás da cama, mas, por causa do arvoredo denso, não tem vista para o pôr do sol.

— Quase me esquecia!

Merda! Dou meia-volta ao ouvir a voz dele, com um gemido preso na garganta. Levo a mão ao peito, em sobressalto, mas tento conter a raiva quando vejo o Louie parado à porta do quarto.

Agita no ar uma folha de papel.

— A palavra-passe da rede e essas coisas. Esqueci-me de deixar aqui as regras. — Pousa o papel no aparador junto à porta do quarto. — Como já disse, é a primeira hóspede desde a remodelação, portanto, certamente estarei a esquecer-me de uma coisa ou outra. Avise-me se tiver algum problema, ou se algum dos eletrodomésticos não estiver a funcionar, ou...

— Obrigada — interrompo com rispidez. — Eu cá me oriento.

O Louie anui, mas metade dos dentes desaparecem naquilo que ainda poderia ser considerado um sorriso na maioria das pessoas, mas que, nele, é praticamente uma careta.

— Parta uma perna — diz ele. — Ou seja lá o que for que se diz aos escritores. — Encaminha-se para a porta da frente. — Parta uma caneta? Parta um teclado?

Continua a balbuciar frases alternativas enquanto fecha a porta atrás de si. Detesto que ele saiba quem eu sou e o que vim aqui fazer. Não devia ter usado o meu endereço profissional para fazer a reserva, mas já o uso há tanto tempo que seria uma trabalhadeira mudar para outro que não fosse o meu nome de autora.

Não posso esquivar-me a mim mesma, nem ao meu nome reconhecível, nem mesmo a um tipo que é mais velho do que o meu pai e mora onde Judas perdeu as botas. Por muito que eu tente esconder-me do facto de ser a Petra Rose, estou aqui. Estou ali. *Estou em todo o lado, porra*. Na capa da *People*, *homepage* da *E! News* e da *TMZ*, em *podcasts* com apenas dois mil seguidores.

Qualquer coisa serve para pagar as contas, suponho. De certeza que estaria a fazer exatamente o mesmo se a escrita não tivesse resultado naquela altura.

Que diabo, eu tenho seguidores suficientes, devia rentabilizar a minha plataforma e começar também a falar mal de mim. Provavelmente, ganharia mais dinheiro a *enxovalhar-me* do que a *ser* eu mesma.

Sempre tive receio de que isto acontecesse. O fim do anonimato. Mas acho que nunca imaginei que acontecesse a este nível.

Quando comecei a escrever, fazia-o por pura diversão. Era uma necessidade. Uma coisa para fugir ao caos da minha vida real. Era empolgante, e os leitores estavam empolgados. Eu escrevia sobre tudo o que me apetecesse escrever. Atraentes lutadores de artes marciais mistas, extraterrestres que atacam a Terra, agricultores que se apaixonam por raparigas da cidade. Dezassete livros depois, o meu nome estava nas bocas do mundo, as contas estavam a ser pagas e a vida era boa. Eu sentia-me no topo do mundo.

Infelizmente, a gravidade torna a puxar tudo para baixo. E eu tive uma queda bem dura. Foi como se alguém tivesse aberto um buraco no meu paraquedas e transmitisse a minha queda em direto na televisão para gáudio do mundo inteiro.

E é por isso que me encontro nesta situação complicada. Com um enorme atraso no prazo de entrega de um livro e uma casa com a hipoteca por pagar. E a cereja no topo do bolo?

Bloqueio criativo.

EM MOMENTOS DE DESESPERO, A FICÇÃO, POR VEZES, CONFUNDE-SE COM A REALIDADE.

Petra Rose passou anos a escrever livros de sucesso e a reunir uma verdadeira legião de fãs. Mas as reações à adaptação cinematográfica de um dos seus bestsellers obrigam-na a fazer uma pausa na escrita e na exposição pública, não só pelas críticas negativas, mas também pelo bloqueio criativo que desde então a assola.

No entanto, Petra sabe que a falta de inspiração não paga contas, por isso decide isolar-se numa cabana de férias num sítio recôndito para escrever o seu próximo livro de suspense romântico e tentar salvar a sua carreira.

É então que lhe bate à porta o detetive Nathaniel Saint, com uma notícia perturbadora acerca de um incidente naquele local. Intrigada pelo homem e inspirada pela figura do agente policial, Petra começa a encontrar matéria para desenvolver as personagens do seu novo livro, fazendo de Saint a sua musa.

A dada altura, a ficção começa a confundir-se com a realidade, e, a cada toque e olhar daquele desconhecido, Petra vai-se envolvendo numa situação que, embora a faça sentir-se cada vez mais viva, poderá pôr em causa o seu próprio modo de vida.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-596-323-2



9

789895 963232